

## A Narrativa Midiática da Dor: o Boletim Médico e o Espetáculo na Imprensa<sup>1</sup>

Eliane Belleza<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

### Resumo

O artigo analisa as implicações éticas ligadas ao fenômeno da exposição da doença e dos pacientes públicos nos meios de comunicação, os riscos imbricados nessa narrativa que transita entre os limites do público e do privado, entendidos aqui como região de “fachada” e “coxia” (GOFFMAN, 1983) – e o significado desse atravessamento jornalístico sobre esse documento que, a rigor, é da esfera da medicina. Parte do episódio ocorrido em maio de 2015 que envolveu a hospitalização dos apresentadores de televisão da TV Globo Angélica e Luciano Huck, vítimas de um acidente aéreo, que ocupou por vários dias as manchetes midiáticas do país. Os relatos de casos médicos que envolvem pessoas públicas é um modus operandi do jornalismo de sensações, nesse contexto, a doença ganhou ares de espetáculo e os hospitais geram boletins médicos que se transformam em matérias, uma espécie de narrativa da dor.

**Palavras-chave:** Jornalismo; narrativa, espetáculo, boletim médico.

Quase diariamente somos bombardeados por diferentes meios – impressos, online, rádios e TVs –, com notícias sobre o estado de saúde de pessoas públicas. Em maio desse ano, o episódio que envolveu a hospitalização dos apresentadores de televisão da Rede Globo Angélica e Luciano Huck, vítimas de um acidente aéreo, por causa de um pouso forçado em Rochedo, próximo a Campo Grande (MS), ocupou por vários dias o noticiário no país.

Luciano Huck sofreu uma pequena fratura na 11ª vértebra torácica. Ele está estável e sem consequências neurológicas, segundo boletim médico. Angélica sofreu um estiramento muscular na região da cervical e apresenta uma discreta lesão na musculatura da parede abdominal e pélvica (Portal G1, 25/5/2015, às 15h01 - atualizado em 25/5/2015, às 20h07).

Ou, ainda, episódios que envolvem cidadãos desconhecidos (indivíduos não públicos), mas cuja forma de hospitalização, a doença, se tornou pública – na maioria, eventos

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros de Jornalismo no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: [elianebelleza62@gmail.com](mailto:elianebelleza62@gmail.com)

relacionados à violência externa<sup>3</sup> no país. Um exemplo também atual é o caso de um morador da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, vítima de uma explosão de gás em seu apartamento. “É grave o estado de saúde do alemão Markos Muller; ele teve mais de 50% do corpo queimado e está internado no CTI, onde respira com ajuda de aparelhos” (Jornal O DIA, 18/5/2015).

A divulgação do estado de saúde de Angélica, Luciano Huck e do alemão Markos Muller, entre outros episódios, seria um *modus operandi* do jornalismo de sensações. Sob esse panorama, a doença e o tratamento assistencial ganham ares de espetáculo (DEBORD, 1999) e as instituições de saúde, para alimentar e retroalimentar as demandas dos veículos, geram boletins médicos públicos que se transformam em pautas jornalísticas, nas mais variadas editoriais dos órgãos de comunicação: cultura, política, esporte, cidade, polícia, coluna social e outras, de acordo com o “habitat” dos personagens envolvidos na hospitalização ou do tipo de acontecimento.

O caráter contestatório da obra de Debord (1999) sentencia que o espetáculo não reflete a sociedade em seu conjunto, mas estrutura as imagens segundo os interesses de uma parte dessa sociedade; e isso tem consequências sobre a atividade social real dos que contemplam as imagens. Para corroborar essa ideia, os meios de comunicação funcionam como poderosos instrumentos para a geração e propagação de modos de pensamento e comportamentos apropriados para a massificação da sociedade. Nessa linha de análise, a narrativa da dor reverberada pela mídia, que é atravessada pelos boletins médicos sobre episódios públicos, também suscita nossos sentimentos de solidariedade e justiça e se torna parte de nosso repertório social (VAZ, 2005).

Os meios de comunicação estão repletos de imagens e de narrativas sobre o sofrimento de estranhos: doenças, catástrofes naturais, desastres ecológicos, fome, miséria, preconceito, guerras, terrorismo, crimes – tudo isso permeia nosso cotidiano e se torna parte constitutiva de nossa consciência moral. Essas imagens e narrativas delimitam nossos sentimentos de justiça e solidariedade; elas propõem o que podemos fazer, a quem podemos ajudar, o que é suscetível de indignação e quando são necessárias mobilizações coletivas pelo outro em seu nome (VAZ, 2005, p. 2).

---

<sup>3</sup> O termo “violência externa” é empregado pela área de saúde para se referir às vítimas de: a) lesões provocadas por perfuração de arma de fogo ou cortante; b) homicídio; suicídio; agressão física e psicológica; c) acidente de trânsito e transporte; queda; afogamento e outros; c) lesões e traumas provocados também por esses eventos.

À luz dos debates sobre “região de fachada e bastidores” apresentados como pano de fundo na metáfora teatral do sociólogo canadense Erving Goffman (1983), podemos refletir sobre os componentes éticos dessa desenfreada exposição da doença dos indivíduos nos meios de comunicação. No extremo oposto, alguns fóruns técnicos da área de saúde têm regulamentações que deslocam essa informação para os “bastidores” da vida privada. Como o Conselho Federal de Medicina, que num dos trechos de suas resoluções preconiza: “O conteúdo do prontuário médico é um documento amparado pelo sigilo profissional” (CFM, nº 1.997/2012).

É sobre o interesse da imprensa em boletins médicos, sobre a função e os riscos imbricados nessa narrativa jornalística que transita, de forma tão próxima entre os limites do público e do privado – da “fachada” e da “coxia” (GOFFMAN, 1983) –, e, conseqüentemente, sobre a ética do jornalismo e da medicina que trata este artigo. Em fase inicial, essa investigação enfoca, portanto, o significado desse processo de mediação e o atravessamento jornalístico sobre esse documento que, a rigor, seria da esfera da medicina.

Na literatura, há vários estudos sobre a difusão da temática da saúde e da ciência nos meios massivos e as estratégias de mediatização da doença. No entanto, uma reflexão mais ampla sobre essa mudança de paradigma, a informação sobre os pacientes públicos<sup>4</sup> sendo utilizada para alimentar a mídia, constituindo “um corpo de símbolos, mitos e imagens da vida prática à vida imaginária” (MORIN, 1990), se transforma numa importante fonte de investigação acadêmica, tendo em vista que as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação apresentam as normas e as práticas sociais que legitimam a organização e o funcionamento da sociedade. Nesse contexto, por exemplo, a perspectiva do filósofo francês Paul Ricoeur (1994), que “narrar é dar sentido ao mundo”, é capaz de nos fazer ver, a partir de similitudes, as conexões mais amplas com o universo particular e o público. Esse processo carrega semelhança com a proposta da tríplice mimese de Ricoeur: “Se, com efeito, a ação pode ser narrada, é porque ela já está articulada em signos, regras, normas: está, desde sempre, simbolicamente mediatizada” (RICOEUR, 1994, p.100).

---

<sup>4</sup> Pacientes públicos – nesse estudo lançarei mão dessa terminologia para designar os pacientes cuja hospitalização geram grande demanda da imprensa, por se tratarem de pessoas públicas (artistas, políticos, celebridades instantâneas etc.) ou cidadãos desconhecidos (indivíduos não públicos), mas cuja forma de internação se tornou pública (notícia), por exemplo, as vítimas de violência externa. Trata-se de uma expressão contraditória, pois, na verdade, um paciente pertenceria a uma esfera privada e familiar apenas em período de custódia no ambiente hospitalar, mas é justamente essa antítese em si que traduz um pouco da inquietação que originou essa pesquisa.

## Os boletins médicos mais esperados na década de 1980

O filósofo alemão Wolfgang Iser (1996) se voltou para a forma como cada leitor (destinador) interpreta o texto, criando o imaginário. Na visão do filósofo, o leitor, no ato interpretativo, extrapola os limites da linguagem e provoca uma mudança na compreensão da realidade, sugerindo a introdução do imaginário como componente que influencia o entendimento do leitor, recriando a informação a partir dos códigos de seu próprio universo. As fronteiras e a aproximação entre jornalismo e ficção; a dimensão ficcional implicada nos jogos de leitura de uma parte do conteúdo jornalístico, ou em diálogo com ele, em circulação nas mídias (MATHEUS, 2014), podem ser pensadas também na perspectiva desse *boom* dos boletins médicos utilizados atualmente como narrativa jornalística. Voltemos há algumas décadas para recordar a origem dessa prática midiática.

Há algumas décadas, mais precisamente no dia 14 de março de 1985, o Brasil se preparava para viver um sonho no dia seguinte. O país aguardava a posse da recém-nascida Nova República na figura de Tancredo Neves. Mas os brasileiros foram surpreendidos pela doença e internação do político num hospital em Brasília. O jornalista Antônio Britto, escolhido para o cargo de secretário de Imprensa, foi transformado em porta-voz da agonia dos 38 últimos dias da vida de Tancredo. Durante esse período de hospitalização, Britto passou a ser o rosto mais conhecido do país. Quando aparecia para divulgar mais um boletim médico, a população parava para ouvi-lo. “A Nação aprendeu a ler as mensagens emotivas através das palavras dos boletins oficiais. Não era só o Dr. Tancredo que estava na UTI; era o Brasil inteiro” (BRITTO, 1985, p. 5).

O povo sofreu a dor e a angústia, em rede nacional, dos últimos dias da vida de Tancredo Neves, e esse drama político mereceu a maior cobertura da imprensa do país. Um único jornalista atravessou os limites da UTI: Antônio Britto, o assessor que, como Tancredo, nunca seria empossado no Palácio do Planalto. As tentativas da imprensa de romper essa muralha indevassável eram publicamente ridicularizadas pelos médicos e poderosos da Nova República (JARDIM, 2010). E o Brasil nunca mais foi o mesmo, assim como os relatos de casos médicos pela imprensa, a exposição dos pacientes ao público e a identificação com a doença.

A doença é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania mais onerosa. Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra no reino da doença. Embora todos prefiramos usar somente o bom passaporte, mais cedo ou mais tarde, cada um de nós será obrigado, pelo

menos por curto período, a identificar-se como cidadão do outro país (SONTAG, 1984, p. 7).

Desde a morte de Tancredo até a atualidade, percebe-se um incremento no interesse da imprensa pelo conteúdo dos boletins médicos dos pacientes públicos. Numa breve análise nos buscadores de informação em ferramentas virtuais como o Google, ao inserir nos descritores de assunto o tema “boletim médico” associado à palavra “mídia”, aparecem mais de 330 mil documentos listados em apenas alguns segundos, e a maior parte refere-se a casos de famosos acometidos por doenças que, como consequência, foram internados e se transformaram em notícia.

Entretanto, há outra personagem principal que deve ser colocado na berlinda: “No encontro do ímpeto do imaginário para o real e do real para o imaginário, situam-se as vedetes da grande imprensa, os olímpianos modernos” (MORIN, 2011).

[...] A imprensa de massa, ao mesmo tempo em que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite identificação [...] Os olímpianos, por meio de sua natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. Concentram-se nessa dupla natureza um complexo virulento de projeção-identificação. Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário (MORIN, 2011, p. 101).

Essa ação de afetar utilizada pelo jornalismo de sensação para atrair seu público já foi bem descrita por Sodré (2006, p.51): “A emoção fácil é o produto com que se aduba o público, levando-o a risos e lágrimas. A emoção está ali a serviço da produção de um novo tipo de identidade coletiva e de controle social.” Nesse contexto, analisar esse fenômeno do campo da comunicação é um dos desafios deste estudo, que pretende descortinar o pano de fundo desses fluxos comunicacionais, seus desdobramentos e amplificações nas interações sociais cotidianas.

São estratégias semelhantes ao manejo industrialista das sensações e emoções hoje realizado pela mídia de espetáculo ou pela cultura de massa em geral. Nos grandes shows de música popular, nos folhetins televisivos, na literatura de grande consumo, nos programas humorísticos de tevê, a emoção fácil é o produto com que se adulam os públicos, levando-os a risos e lágrimas fáceis. A emoção está aí a serviço da produção de um novo tipo de identidade coletiva e de controle social (SODRÉ, 2006, p. 51).

Ao corroborar, com essa linha de raciocínio, a veiculação de assuntos de âmbito privado como se fossem de toda a sociedade, os veículos de comunicação de massa

confirmam que os “estímulos à opinião pública são instrumentos que os periódicos usam para capturar o poder” (CASTILHO, 2011, p. 216). O jornalismo faz uso de formas discursivas que invocam as sensações do público por meio da apresentação de uma “realidade próxima ao universo do leitor”. Em consonância, o referencial das notícias está muito além dos fatos, pois se ancora no imaginário (MATHEUS, 2011).

A divulgação dos boletins médicos sobre os pacientes públicos é uma espécie de narrativa da dor reverberada pela imprensa, tendo em vista que os meios de comunicação funcionam como poderosos instrumentos de geração e propagação de modos de pensamento e comportamentos apropriados para o funcionamento e a massificação da sociedade.

### **Como nasceu o hospital com função terapêutica**

As conceituações formuladas por Barbosa (2004) sobre os novos signos da pós-modernidade e a inexistência de espaço para o dualismo vida e morte são pertinentes nesta reflexão. Ela trata das representações coletivas, pelos meios de comunicação, e a ruptura do individual. “A morte pública é uma construção midiática, e a morte comum, individual, privada, não tem nenhuma importância.” (BARBOSA, 2004, p. 13)

A primeira mudança de paradigma da instituição hospitalar data de séculos passados. Foucault (2012) relata o surgimento do hospital como unidade terapêutica, de intervenção sobre a doença e o doente. Antes século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres, ou, melhor, de separação e exclusão. Nessa época, o hospital guardava a função de “morredouro”, um lugar onde morrer. “O pobre tem necessidade de assistência e, como doente, portador de doença de possível contágio, é perigoso.” (FOUCAULT, 2012, p. 174)

Os profissionais dos hospitais eram leigos ou religiosos, os médicos realizavam visitas esporádicas, o local não tinha a função de curar o doente, e sim de tentar assegurar a salvação da alma do pobre no momento da morte. O hospital era uma espécie de ambiente de transição entre a vida e morte, de salvação espiritual e de isolamento dos indivíduos “perigosos” para a saúde pública. A novidade no século XVIII foi a constituição de uma medicina hospitalar, terapêutica.

Essa transformação da medicina hospitalar aconteceu para tentar “purificar” os efeitos nocivos das doenças contagiosas ou impedir a desordem econômico-social na cidade. A reforma iniciou pelos hospitais marítimos, com a criação de quarentenas para evitar a

disseminação de epidemias por meio das pessoas que desembarcavam. Nessa época, também a formação do indivíduo, sua capacidade, suas aptidões passam a ter um preço para a sociedade. Com o surgimento do fuzil, no final do século XVIII, os exércitos se tornam mais técnicos. Os soldados tiveram que aprender a manejar o novo armamento.

O preço de um soldado ultrapassará o preço de uma simples mão de obra e o custo do exército tornar-se-á um importante capítulo orçamentário de todos os países. Quando se formou um soldado não se pode deixá-lo morrer. Se ele morrer, deve ser em plena forma, como soldado, na batalha, e não de doença. (FOUCAULT, 2012, p. 178-179)

A partir desse viés econômico era preciso curar os soldados para que eles não morressem de doença. E era necessário garantir um controle para que eles, quando curados, retornassem aos campos de batalha. Dessa forma nasce uma reorganização administrativa e política no ambiente do hospital militar. A mudança ocorreu a partir de uma tática chamada disciplina. “A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos.” (FOUCAULT, 2012, p. 181)

Foi a introdução dos mecanismos disciplinares no espaço confuso do hospital, até então administrado por religiosos, que possibilitou a prática da medicalização. As razões econômicas, o preço atribuído ao indivíduo, o desejo de evitar a propagação das epidemias foram as causas do “esquadrinhamento disciplinar” a que foram submetidos os hospitais. Mas se a disciplina torna-se médica, se o poder disciplinar é confiado ao médico, isso se deve também a uma transformação no saber médico. “A formação de uma medicina hospitalar deve-se, por um lado, à disciplinarização do espaço hospitalar e, por outro, à transformação, nessa época, do saber e da prática médicos.” (FOUCAULT, 2012, p. 183) É, portanto, o ajuste nesses dois processos, deslocamento da intervenção médica e disciplinarização, que está a origem do hospital médico.

A partir do momento em que o hospital é concebido como um local terapêutico, o médico passa a ser o principal responsável pela organização hospitalar. “Constitui-se, assim, um campo documental no interior do hospital que não é somente um lugar de cura, mas também de registro, acúmulo e formação de saber.” (FOUCAULT, 2012, p. 188)

Diante da explicação sobre a origem terapêutica do hospital, será que, atualmente, a narrativa jornalística se ancora em uma nova transformação do ambiente hospitalar? Em outras palavras, além de lugar de cura e formação do saber médico, as instituições de saúde, hoje, passaram a ser também palco de interações e de controle social, permeados pelas

relações de poder na encenação da vida cotidiana. (GOFFMAN, 1983) Um sinal desses novos tempos é a prática de renomados hospitais do país alvo dos holofotes, por conta dos atendimentos às celebridades. Essas unidades institucionalizaram a exposição pública dos indivíduos, criando no “menu de navegação” de seus sites corporativos um local específico para divulgar, online, os boletins médicos de seus pacientes públicos para a imprensa. O texto de apresentação descreve o serviço da seguinte forma:

Neste espaço você encontra a íntegra dos boletins médicos emitidos pelo Hospital Israelita Albert Einstein de São Paulo [...] Trata-se da comunicação oficial do hospital à imprensa sobre o estado de saúde dos pacientes, elaborada em conjunto com os médicos responsáveis e a superintendência do hospital (portal do Hospital Israelita Albert Einstein, de São Paulo).

É dentro dessa aba de navegação que se encontram, por exemplo, os boletins de Luciano Huck:

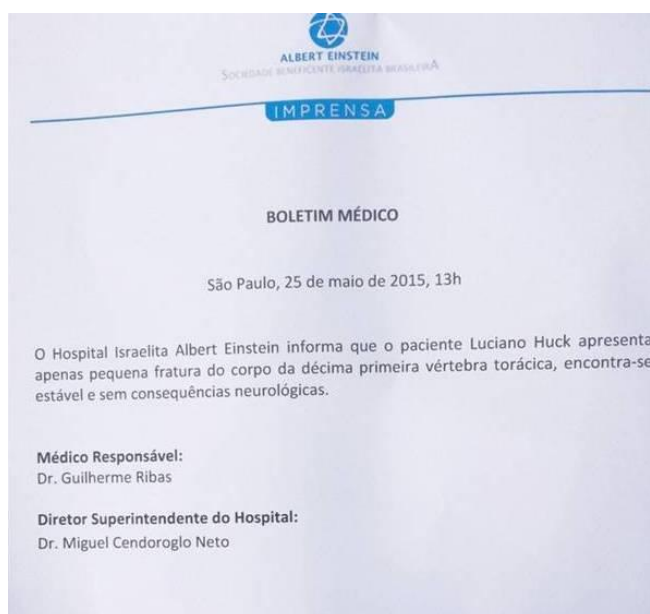


Figura1: Imagem de um dos boletins médicos divulgados pelo hospital paulistano sobre o estado de saúde de Luciano Huck, vítima de um acidente aéreo<sup>5</sup>

<sup>5</sup> As imagens exibidas nesse artigo foram reproduzidas da internet e não possuem créditos dos fotógrafos.





Figura 2: Foto dos veículos de comunicação na porta do Hospital Albert Einstein (SP) à espera da divulgação de mais um boletim médico sobre o estado de saúde dos apresentadores de TV

### **Angélica, Huck e o alemão: o espetáculo da narrativa da dor**

É peremptório ruminar sobre o interesse da mídia nesse tema e tentar entender por que a dor e a doença se deslocaram das enfermarias e do seio familiar para as manchetes midiáticas. O episódio de hospitalização que envolveu os apresentadores globais Angélica e Luciano Huck, por exemplo, serve para desencadear algumas reflexões.

Depois de um pouso forçado numa fazenda, a cerca de 30 km de Campo Grande (MS), os nove tripulantes da aeronave, o casal, seus três filhos menores de idade, as duas babás, o piloto e o copiloto foram resgatados e levados para o hospital próximo da região. “Segundo a assessoria da Santa Casa de Campo Grande, onde todos foram atendidos, Angélica sofreu escoriações. Mas ninguém ficou gravemente ferido. Eles passaram por exames de raios X e já estão num quarto particular” (REVISTA VEJA online, 24/5/2015, às 14h26).

Eles foram socorridos e encaminhados para o Hospital da Santa Casa, em Campo Grande (MS) [...] O hospital cancelou uma entrevista coletiva prevista para esta tarde e divulgou nota [...] por solicitação dos familiares não passará mais informações sobre o caso (jornal *Folha de São Paulo* online, 24/5/2015, às 13h28; atualizado às 17h31).

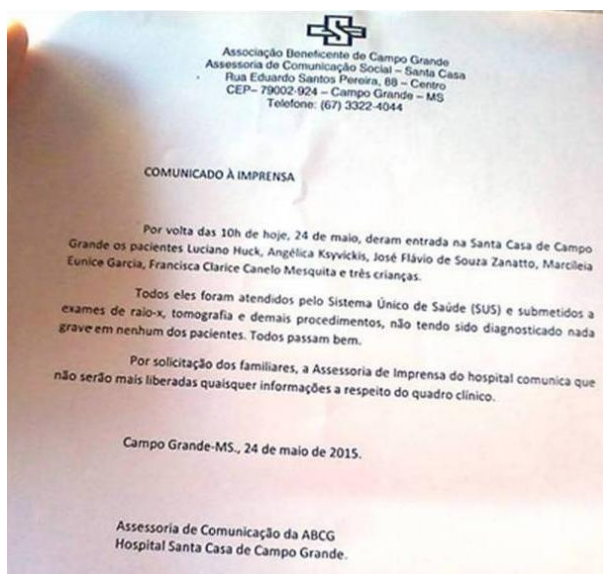


Figura 3: Imagem do “comunicado à imprensa” divulgado pela Santa Casa



Figura 4: Foto que vazou na imprensa do atendimento à Angélica, na emergência da Santa Casa



Figura 5: Diretora médica da Santa Casa em seu momento de fama

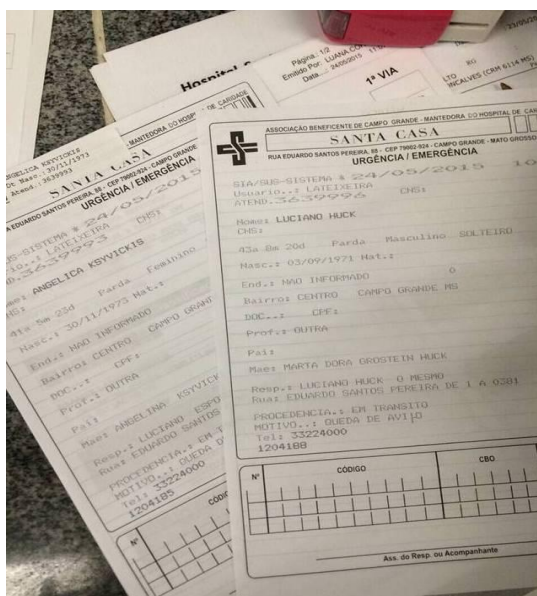


Figura 6: Imagem veiculada nas redes sociais e na mídia dos prontuários médicos do atendimento do casal de apresentadores na emergência da Santa Casa

De acordo com o critério de noticiabilidade contemporâneo, pode-se considerar o boletim médico uma comunicação carregada de apelo, comoção, proeminência e emoção. Ingredientes fundamentais na trama dos atores sociais e suas plateias (GOFFMAN, 1983).

As notícias interessantes são as que procuram narrar um acontecimento com base na perspectiva do “interesse humano”, das curiosidades que atraem a atenção e do insólito. É nesse critério de relevância – notícia interessante com potencialidade de entretenimento – que se coloca em contradição com o critério da importância própria dos acontecimentos (AZEVEDO, 2008, p. 21).

Como a vida dos olímpianos participa da vida cotidiana dos mortais (MORIN, 2011), o que provavelmente seria apenas uma tragédia de interesse do ceio familiar do clã dos Hucks se transformou num espetáculo de vários dias em todos os noticiários do país e na invasão da privacidade das vítimas e do ambiente hospitalar. Nesse panorama, outros questionamentos sobre ética também merecem ser pensado, pois como reza as normas disciplinares do espaço hospitalar, ele deveria assegurar a tutela da intimidade, bem como “preservar o sigilo profissional, pois não se afasta da ideia de intransmissibilidade dos direitos da personalidade, que indubitavelmente são personalíssimos” (RESOLUÇÃO CFM, nº 1997/2012).

Nesse show da vida,<sup>6</sup> visivelmente, a tutela da intimidade falhou: a paciente Angélica foi fotografada durante o primeiro atendimento de emergência, dentro da Santa Casa de

<sup>6</sup> Show da vida é uma referência ao programa dominical da Rede Globo chamado Fantástico.

Campo Grande; a imagem repercutiu em centenas de veículos de massa (Figura 4). No comunicado à imprensa expedido pela Santa Casa, o desejo da família estava explícito: “Por solicitação dos familiares, a Assessoria de Imprensa do hospital comunica que não serão mais liberadas quaisquer informações a respeito do quadro clínico.” Porém, mesmo assim, a diretora médica da unidade concedeu várias entrevistas falando sobre o caso (Figura 5). E por último mas não menos relevante nesta análise, o “vazamento” dos prontuários dos pacientes públicos, com informações, inclusive, de ordem pessoal, como endereço, telefone e número de documentos, que foram fotografados dentro do hospital e replicados nas redes sociais e na imprensa (Figura 6).

Essa peculiar combinação entre espetáculo e sensacionalismo é uma estratégia de comunicação voltada para a produção de narrativas jornalísticas com capacidade de atrair o interesse do público (AGUIAR, 2008). Os critérios de noticiabilidade apontam como o valor-notícia, o “entretenimento”, são um importante fator para agrupar outros segmentos e expandir o universo de leitores para os jornais.

Nessa lógica, pelo fato de os envolvidos serem pessoas públicas, suas doenças passam a ser públicas também. Uma estratégia que enfoca valores individuais como coletivos com a função de legitimar produtos simbólicos. A publicação de temas do âmbito do privado, como se fossem de toda a sociedade, e o estímulo à opinião pública são instrumentos de que os periódicos se valem para capturar o poder (CASTILHO, 2011).

Já o paciente Markus Muller, um alemão de 51 anos, vítima de uma explosão de gás em seu apartamento, mudou seu status de cidadão desconhecido rapidamente. O acidente, amplamente divulgado pela imprensa, conferiu ao alemão, sem escolha, a áurea de paciente público, de celebridade midiática. Em matéria publicada no jornal *O Globo*, no dia 23/5/2015, o subtítulo da manchete se vangloria por uma foto exclusiva realizada pela equipe de reportagem dentro do Centro de Tratamento Intensivo (CTI) de um hospital especializado em queimados. Na imagem, o paciente em coma induzido e respirando com o auxílio de aparelhos aparece com o corpo enfaixado por ataduras, por causa das queimaduras que atingiram mais face, tórax e membros. Pelo próprio relato da mídia, o senhor Muller não tinha parentes no Brasil, logo, as perguntas que não querem calar são: quem autorizou a entrada da equipe jornalística em uma unidade fechada de saúde e de isolamento para a prevenção de

riscos de contaminação? Será que o alemão imaginaria que seus últimos dias de vida em solo brasileiro seriam registrados pelas lentes de uma Canon<sup>7</sup> para virar furo jornalístico?

Essas indagações sobre o “vazamento” imagético na mídia também nos remetem às reflexões do filósofo francês Georges Didi-Huberman, que, na obra *Imagens Apesar de Tudo*, se debruçou sobre estudos que abordam a representação do irrepresentável, por meio de imagens vazadas por prisioneiros durante o Holocausto: “Todo ato de imagem é arrancado à impossível descrição de um real vergar-se ao irrepresentável [...] as imagens devem nos mostrar algo reconhecível [...] são gestos, atos e falas, mas temos que escutar também seus silêncios” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p.160).



Figura 7: Jornal O Globo, versões impressas e online, com foto “exclusiva” do paciente público no CTI. “Markus Muller, de 57 anos, aparece enfaixado e respirando por aparelhos em foto obtida com exclusividade por O Globo”<sup>8</sup>

Ao assistir à imagem de Muller, imóvel e indefeso, num leito de CTI, irreconhecível pela punição da doença que o acometeu, as queimaduras em todo o corpo, remetemo-nos à questão da espetacularização da dor como forma de recodificação de uma mensagem abordada por Foucault (1987) em *Vigiar e Punir*. Na obra, ele pontua que, nas cerimônias públicas de suplício e punição, no final do século XVII, o papel do povo era ambíguo, pois a

<sup>7</sup> Canon - a marca de máquina fotográfica mais usada pelos fotógrafos profissionais, aqui no texto utilizada apenas como metonímia.

<sup>8</sup> A fotografia é de Vera Araújo, repórter fotográfica do jornal O Globo.

sociedade era chamada para testemunhar e celebrar enforcamentos, linchamentos e condenações à fogueira, entre outras formas de punição da época. “A cerimônia pública coloca em plena luz a relação de força que dá poder à lei” (FOUCAULT, 1987, p.43).

Para encerrar este artigo, que é apenas o início de uma pesquisa, vale retomar as provocações de Goffman (1983) e refletir sobre as formas de controle e prisão da vida social que perpassam todos os meandros de nosso cotidiano, como uma espécie de Espada de Dâmocles<sup>9</sup> interacional apontada para as cabeças dos atores sociais.

## Referências

- AZEVEDO, Leonel. *Entretenimento: valor-notícia fundamental. Estudos em jornalismo e mídia*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- BARBOSA, Marialva. A morte imaginada. GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.
- BRITTO, A., CUNHA, L. C. *Assim morreu Tancredo*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- CASTILHO, Márcio. Martírio e autoridade na trama noticiosa do caso Tim Lopes. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 9, n 1, 2012.
- AGUIAR, Leonel Azevedo. *O jornalismo sensacionalista e a lógica da sensação*. Universidade Metodista de São Paulo, 2008.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*, 1 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens: apesar de tudo*. KKYM, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. São Paulo: Leya, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2012.
- GLOBO.COM. G1, São Paulo. Hospital confirma pequena fratura em vértebra de Luciano Huck. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/hospital-confirma-pequena-fratura-em-vertebra-de-luciano-huck.html>. Último acesso em 25/5/2015, às 15h01. Atualizado em 25/5/2015, às 20h07.
- GOFFMAN, Ervin. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1983.

---

<sup>9</sup> Espada de Dâmocles é uma parábola da mitologia grega. Nela, um cortesão bajulador chamado Dâmocles, da corte do tirano Dionísio, dizia que o rei era um afortunado no meio do luxo, de mulheres belas e das melhores comidas. Então Dionísio ofereceu-se para trocar de lugar com ele por um dia, para que ele pudesse sentir o gosto de toda essa sorte. Mas Dionísio ordenou que uma espada fosse pendurada sobre o pescoço de Dâmocles, presa apenas por um fio de rabo de cavalo. Ao ver a espada afiada suspensa diretamente sobre sua cabeça, perdeu o interesse pela excelente comida e pelas belas garotas e abdicou de seu posto, dizendo que não queria mais ser tão afortunado.

- ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- JARDIM, S. S. A dignidade que todo paciente merece, Observatório da Imprensa (site). 10/8/2010 na edição 602. In MIR, L. O Paciente – O caso Tancredo Neves. São Paulo: Editora de Cultura, 2005.
- MATHEUS, L. C. *Narrativas do medo*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. O Jornalismo entre História e Ficção. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014. Em PDF: <http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1720-1.pdf>
- MORIN, Edgar. *O espírito do tempo*. Volume 1 – Neuroses. São Paulo: Forense Universitária, 2011.
- PORTAL do Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo. Aba: Imprensa/Boletim Médico. Disponível em <http://www.einstein.br/imprensa/boletim-medico/Paginas/boletim-medico.aspx>
- PORTAL O Globo. Estado de saúde do alemão ferido em explosão de apartamento em São Conrado ainda é grave. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/estado-de-saude-do-alemao-ferido-em-explosao-de-apartamento-em-sao-conrado-ainda-grave-16242721>. Último acesso em 23/5/2015, às 6h. Atualizado em 25/5/2015, às 18h23.
- RESOLUÇÃO CFM nº 1997/2012, publicada no DOU de 16/8/2012, Seção I, p. 149.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I, trad. Constança Marcondes César, 1994.
- SITE da revista Veja. Avião com Angélica e Luciano Huck faz pouso forçado no MS. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/aviao-com-angelica-e-luciano-huck-faz-pouso-forcado-1/>. Último acesso em 24/5/2015, às 14h26. Atualizado em 28/5/2015.
- SITE do jornal Folha de São Paulo. Avião com Luciano Huck, Angélica e filhos faz pouso forçado em MS. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1633115-aviao-com-luciano-huck-angelica-e-filhos-faz-pouso-forcado-em-ms.shtml>.
- SITE do jornal O Dia. Morador de apartamento que explodiu respira com ajuda de aparelhos em CTI. Disponível em <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-05-18/morador-de-apartamento-que-explodiu-respira-com-ajuda-de-aparelhos-em-cti.html>. 18/5/2015.
- SODRÉ, M. M. *Estratégias sensíveis. Afeto, mídia e política*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- VAZ, Paulo, SÁ-CARVALHO, Carolina, POMBO, Mariana. “Risco e sofrimento evitável: a imagem da polícia no noticiário de crime”. E-compós – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação 4:1-22, 2005.